

Mourelatos, Alexander. *The route of Parmenides. Revised and expanded edition*. Las Vegas – Zurich – Athens: Parmenides Publishing, 2008

*Mantendo o "curso" na rota de Parmênides*

O livro de Mourelatos é uma referência obrigatória para quem quer que pretenda se dedicar aos estudos sobre Parmênides de Eléia (séc.VI-V a.C), pelo trabalho filológico minucioso, pelo rigor analítico, pelo fôlego especulativo, pela amplitude do debate bibliográfico com a crítica contemporânea, ou seja, pela erudição que revela em ciências da antiguidade. Tudo isso posto a serviço de articular as múltiplas camadas de significação que se encerram nos 116 versos que nos chegaram do poema de Parmênides, um dos textos maiores da tradição filosófica ocidental.

Li Mourelatos, pela primeira vez, durante meu Mestrado, na década de 80: buscava compreender, no artigo sobre a "Metafísica ingênua das coisas" (1973), re-impreso como capítulo 10 deste volume, o modo como o autor interpretava o esquema dos caminhos. Mais tarde li o livro "The route of Parmenides" (1970), objeto da presente re-edição e expansão (2008), para avaliar como resolvia o problema dos sentidos do verbo "to be". Em 2005, reli alguns capítulos, para retomar sua caracterização da *dóxa*, em função de minha pesquisa sobre os modos do aparecer na *República* de Platão. Releio, agora, com grande curiosidade, esta extensa re-edição, que funde livro e artigos (com o cuidado de manter a numeração das páginas originais do livro, o que é muito cômodo para os re-leitores) e ainda acrescenta um artigo inédito de Gregory Vlastos, "Names of being in Parmenides", provavelmente escrito na década de 60, mas nunca publicado.

Seu trabalho tem um perfil bastante singular, pela época e pelo ambiente acadêmico em que foi inicialmente concebido, ou seja, nos EUA dos anos '60-'70. Tendo estudado em Yale, Mourelatos é professor na Universidade do Texas – Austin desde 1965, onde fundou e dirigiu o programa de pós-graduação em Filosofia Antiga, com grande reconhecimento internacional desde então, como pesquisador, orientador, professor e *lecturer*.

Nos anos de doutorado em Yale, ele se dedica aos estudos de metafísica analítica, epistemologia, filosofia da mente e a "lógica dos argumentos transcendentais", sob a influência marcada de Kant e Wittgenstein. A leitura do Parmênides de Burnet o desperta para o fato de que "a questão da correspondência entre pensamento e realidade" já havia sido levantada antes de Platão. O que era inicialmente para ser um simples artigo transforma-se, com o aval do então orientador Wilfrid Sellars (1912-1989), numa tese de doutorado – *The Philosophy of Parmenides*. O interesse é discutir a relação entre a mente e a realidade, tematizando um modelo arcaico de apreensão da realidade (Homero e literatura grega inicial), no qual a mente se dirige ao mundo e "apanha as coisas" (p.xv), e que depende de intuições lingüísticas que se aproximariam muito de, ou mesmo se identificariam com os "realismo e nominalismo medievais, além das teorias modernas da significação como referência e da verdade como correspondência".

Em 1970, publica *The Route of Parmenides*, pela Yale University Press (numa época em que o termo inglês *route* [pron. *ru:t* ou *raut* / rota] ainda não havia se tornado homônimo de *roul* [pron. *raut* / fracasso], adverte o próprio autor no prefácio). O presente volume (2008) vem organizado em três partes: Parte I, com o texto do livro de '70, algumas correções de digitação e alterações; Parte II, com a reimpressão de três artigos (da década de '70), que reforçam algumas, mas que também modificam teses centrais do livro original; Parte III, com o inédito de Vlastos.

A tese de doutorado difere do livro, na medida em que sua concepção de fundo conteria o que ele chama de a "Interpretação Padrão", leia-se anglo-saxã, da "Verdade" em Parmênides, que, mesmo com variações, poderia ser resumida nas seguintes teses: a. supressão deliberada do sujeito do verbo *esti*, para permitir que o sujeito se especifique, à medida que o argumento se desenvolve; b. supressão do caminho negativo, porque suas frases não se referem a entidades reais; c. não-confusão entre os sentidos predicativo e existencial do "é"; d. uso do verbo ser em sentido veritativo, nos contextos relevantes (p.350-351). O próprio autor, mais tarde, reconhece que este padrão de interpretação fora elaborado prematuramente, devendo ser abandonado em grande parte. Na medida em que compreende que, para Parmênides, as proposições negativas são recusadas, todas as proposições passam a ter um só e o mesmo referente. É isso o que caracterizaria sua tese de Yale, ou seja, sustentar que, no poema, há um "monismo numérico" ou

um "monismo lógico", aproximando Parmênides do Wittgenstein do *Tractatus* e de Russel, enquanto "atomistas lógicos" (p.xvi).

Entre a tese de doutorado e a publicação do livro, o autor estuda com Havelock, Kirk, Vlastos e Owen, lê os poetas gregos, questiona a amplitude lógica de sua leitura dos caminhos e busca nexos entre o texto de Parmênides e os cosmólogos jônicos. A fórmula "X é realmente Y", que, no primeiro caminho ou rota, chamada de a "Verdade" de Parmênides, funcionaria como um mero esquema, na "Dóxa", passa a receber valores diversos, ou seja, Luz e Noite; a segunda parte do poema configuraria, assim, a visão de mundo dos mortais formulada filosoficamente para incluir crenças, o senso-comum e o uso comum da língua, ou seja, um equivalente arcaico do que Sellars chamava de a "imagem manifesta" das coisas.

Nos sucessivos capítulos, Mourelatos enfrenta com perspicácia a *Forma épica* do poema, trata da estrutura sintática da composição dos versos, do uso de hexâmetros e também do vocabulário filosófico emergente, com suas revalorizações semânticas, mostrando o quanto Parmênides é devedor das fórmulas homéricas, mas também distinguindo o registro de suas formulações das que eram próprias dos cultos religiosos. Tendo como referência a obra de Black, *Models and Metaphors* de 1962, distingue três modalidades do uso de modelos e metáforas: as de substituição, as comparações e as metáforas em sentido forte, as não dispensáveis, porque organizam uma idéia nos termos das implicações geralmente associadas a outra coisa ou idéia.

A noção de rota ou caminho, sua dimensão cognitiva e seus desvios são analisados em *A busca cognitiva e o caminho* e *A vaguidade do que-não-é*. O autor adota a idéia de que, no poema, trata-se de um só caminho efetivo, o do "é", da "Verdade", que é uma linha de investigação, um tipo ou possibilidade teórica (sem predicação material); mas o uso da proposição "é" não pode ser feito com relação à natureza das coisas propostas pelos mortais; ao fazer isso, os mortais revelam um caminho do tipo "não é", que é impossível, inviável. Só se pode aceitar um caminho positivo de "predicação especulativa", concepção que, no prefácio de 2008, o autor indica que poderia ser melhor expressa através da expressão "predicação de identidade teórica" (e.g. uma mesa é (mesmo) uma nuvem de elétrons). O que os mortais fazem, aplicando afirmações e negações aos ditos seres, em geral, sem critérios, jamais terá alcance cognitivo; para

diferenciarmos a "Dóxa", temos que perceber que há, em Parmênides, uma compreensão da distinção entre formas de discurso "aparentes" e "reais".

Para o autor, o caminho do "é" é, em última análise, vazio, ou seja, deve poder ser traduzido nos termos do esquema lógico "algo é algo", sem que isso seja incompatível com a descrição do que é feito pelo filósofo como "especulação metafísica". O "é" de Parmênides é um termo mais forte, ou seja, é um híbrido entre os sentidos predicativo e de identidade (p.79); não que ele recuse o termo "não" ou a predicação negativa em geral; o que é rejeitado é o uso, no contexto da pesquisa cosmológica, de proposições do tipo "é realmente não-F", sem maiores qualificações; ele rejeita a constituição negativa, que esteja *no* mundo, como parte de sua estrutura básica.

Mourelatos reconhece, assim, a singularidade de Parmênides, seja em relação à *História* de Heródoto, seja em relação à pesquisa *katà phýsin* de Heráclito, propondo que o poema tem mais a ver com explicação e interpretação do que com investigação. O fato de que o eleata recorra a tal aparato lógico-lingüístico, demonstra um imenso incômodo, mas também um grande esforço especulativo para compreender o que seria um caminho do "não é". O autor critica Tarán por assimilar o segundo (não é) e o terceiro caminhos (dos mortais) (n.47, p.91), pois insiste que a "Dóxa" dos mortais não poderia ser um "terceiro" caminho resultante da combinação entre ser e não ser. Haveria, portanto, para ele, uma única Rota, a da "Verdade" (vale observar a tradução tanto de "alétheia" como de "tò eón" por "realidade" ou "o real", p.67); o viés que seria a segunda rota é formulado, unicamente para ser proibido. A "Dóxa" não é um caminho. Ao longo do livro ele trabalha com a contraposição ampla entre "Alétheia" e "Dóxa".

Em *Sinais e Os limites da realidade*, trata dos sinais que mantêm o curso do caminho do "é". A análise do fragmento 8 reduz os *sémata* a quatro, que são investigados e analisados com detalhe. O ser é "não gerado", "indivisível", "imóvel" e "completo". É importante reconhecer que muitos dos elementos fundamentais das análises posteriores, que serão feitas nas décadas seguintes, já estão presentes na análise de Mourelatos. Ele de fato desmonta o poema "linha por linha", podendo, talvez, pecar por excesso, mas nunca por omissão. Em *Persuasão e fidelidade*, desenvolve uma análise, provavelmente inédita nos anos '70, da complexidade e do alcance do campo semântico de *peíthein* – persuadir, associado a *pístis* – fidelidade, relacionando o discurso

poético parmenídico com Hesíodo e Ésquilo, enfatizando o papel da persuasão e da afetividade não só no discurso opinativo, mas também no caminho da verdade.

*O compromisso da mente com a realidade* analisa as relações entre pensamento e linguagem com a realidade, discute as versões arcaicas do pensamento modal em Parmênides, explicando linhas difíceis do fragmento 8. Propõe um paralelismo com o Atomismo lógico (Russel e Wittgenstein), segundo o qual haveria um "compromisso ontológico implícito" reconhecível no poema; e ainda, seriam reconhecíveis estágios precisos na relação entre pensamento e realidade que seriam análogos aos termos desenvolvidos no pensamento de Parmênides. Destaco o que diz sobre os "nomes primitivos" (em relação direta de referência) que designariam "objetos atômicos" e que seriam comparáveis aos *onómata* dos mortais do poema. O que é *lógos* comum / *xunón*, na polêmica de Heráclito, e o ser que é o mesmo / *tautón*, no diagnóstico de Parmênides, seriam o objeto do pensamento efetivo e o referente dos nomes dos mortais, que não sabem disso e, portanto, não podem reconhecê-lo. A discussão dos versos 8,38-41, com resultados bastante convincentes, recupera a interpretação de Woodbury (1958) e será retomada no artigo inédito de Vlastos, ao final do livro. Woodbury (secundado e desenvolvido por Vlastos) lê, em 8,38-39 "Com referência a isso, todos aqueles (nomes) foram nomeados...", e não "Portanto, todos aqueles (nomes) serão meras palavras...", querendo dizer com isso que os nomes dos mortais, embora falem de vir a ser e perecer, só podem ter como referente o ser. O interesse e valor dessa nova versão vão, me parece, além da discussão sobre se ela é necessária para sustentar a aproximação geral que é feita entre analíticos e gregos.

*Dóxa como aceitação* é um dos pontos altos do livro, por ser realmente inovador e esclarecedor de um tema forte do poema, freqüentemente simplificado em excesso. Mourelatos analisa com argúcia 1, 31-32, ressaltando a justaposição retórica entre *dókimos* e *tà dokoûnta*, explorando as relações entre aparência e opinião, as nuances do verbo *dokéo* (em seus aspectos e sub-aspectos subjetivo e objetivo), as relações entre *dokein tini* e *phaínesthai tini*, etc. Acaba chegando a uma interpretação que propõe que compreendamos a *dóxa* como uma aceitação criteriológica e volitiva, não mera recepção passiva de impressões; o aceitar é conforme a uma norma, portanto, uma aprovação séria, com ressonâncias em fórmulas legais e contratuais; sua análise lingüística expõe as sutilezas, não só da moralidade antiga, mas também dos diversos

níveis de pactos valorativos e afetivos em funcionamento então, que deixam suas marcas nas diferenciações lingüísticas das maneiras as mais surpreendentes. *Dóxa* como aceitação poderia implicar em "concordar expressamente ou através da conduta com o ato ou a oferta de outra pessoa, de modo a que um contrato seja concluído e que as partes tornem-se legalmente vinculadas" (p.200-201). Para isso, a noção jurídica de "defeasible" se torna chave: juridicamente, é aquilo que é suscetível de ser, eventualmente, considerado inviável ou seja, um acordo que pode terminar ou ser anulado, sempre em condições bem determinadas. Pensar a *dóxa* a partir dessa noção de "revogável" é revelador da dimensão contratual ou de acordo firmado entre os cidadãos, com relação a valores e representações que se tornam, assim, hegemônicos, sem que, contudo, percam sua vulnerabilidade.

O autor ainda reconhece o fato de que os termos em *dok-* passaram a ter uma conotação pejorativa no desenvolvimento da filosofia grega e que é preciso encontrar o equilíbrio na interpretação dos mesmos. Os termos relativos à *dóxa* não merecem a carga de pessimismo que a reflexão antropológica subsequente lhes conferirá; mesmo mais tarde, eles poderão ser reconhecidos em contextos de grande sucesso cognitivo. *Dóxa* não é só impulso, mas reúne um feixe de afetos e significações: sondagem, cuidado, aprovação e sanção; o autor pensa, enfim, que ao criticá-la, "o filósofo não está buscando um alvo fácil", e mais, "que os termos em *dok-* mantenham seu aspecto positivo, embora "defeasible", é condição para que o ataque filosófico à *doxa* faça sentido, tenha onde se amarrar". Nesse contexto, tanto o *que* quanto o *como* da *dóxa* são importantes: o que os mortais aceitam como válido ou verdadeiro e o modo como o fazem são questionados já por Parmênides, e mais ainda por Platão. Xenófanes, os trágicos e Platão são convocados a fornecerem exemplos e contextos que esclarecem nuances importantes da refinada e consistente interpretação que Mourelatos propõe do problema da *dóxa* em Parmênides.

Em *Palavras enganosas*, é proposto um quadro comparativo entre *dóxa* e *alétheia*, construído em termos lingüísticos e conceituais, que mostra esclarecedoras semelhanças e contrastes entre o ser descrito no fragmento 8 e o cosmo da segunda parte do poema (p.248). O que resulta é uma visão mitigada da relação entre as duas partes do poema, que se relacionam tanto por semelhança como por contraste; uma posição nuançada que prefere tensão,

ambigüidade e mesmo ironia, em vez de controvérsia e exclusão contraditória, sem excluir rigor e análise lingüística detalhada.

Os apêndices são muito úteis para o pesquisador de Parmênides. *O hexâmetro de Parmênides* discute a apropriação que o filósofo faz do hexâmetro épico (não apenas homérico), com suas variações de unidades métricas, freqüências e cesuras, discutindo com Fränkel e Porter. No entanto, perante o que Mourelatos chama de "irregularidades" métricas ou "razões estéticas", "liberdade poética" e cadência "wobbly", fica difícil de discernir entre julgamento de valor e juízo puramente técnico. Seguem outros apêndices, *Interpretações do "é" sem sujeito* e *O significado de khré e cognatos*. Neste, discute algumas dimensões modais da sintaxe parmenídica, entre a necessidade e a persuasão. Traduz *khré* não como "é necessário", mas como "é certo, devido ou apropriado" – no âmbito da adaptação, do ajuste ou da acomodação a certas exigências determinadas por diferentes contextos (ênfase subjetiva em *khré* / "should" e objetiva em *dei* / "ought to"), com a negação indicando não uma falta de necessidade, mas uma injunção negativa (não é correto fazer tal coisa). O último apêndice apresenta o *Texto dos fragmentos* do poema, a partir da edição de Tarán (1965).

Na Parte II do livro, *Heráclito, Parmênides e a metafísica ingênua das coisas* traz a reimpressão do artigo de 1973, através de cuja leitura podemos avaliar que, na verdade, não há mudança, mas manutenção de curso "na rota de Parmênides". Entre a tese e o livro e entre o livro e os artigos, os reajustes são pequenos; o que fica claro é que cada publicação subsequente explicita aspectos que estavam implícitos nas anteriores, sem contradizer as teses principais. Mourelatos herdara de Sellers uma perspectiva valorativa negativa com relação aos filósofos pré-socráticos, expressa em termos tais como visão "ingênua" ou uso de "linguagem primitiva", por oposição ao "refinamento" e à língua "em perfeita ordem lógica", "mais sutil e sofisticada" dos grandes filósofos posteriores (n.5, p.302; p04). As visões de mundo que não têm uma "textura proposicional" (*lógos*) são julgadas inferiores, primitivas ou ingênuas, reforçando, assim posições (naturalmente ultrapassadas) de que os pré-socráticos configuram um "ainda não" da filosofia ocidental. Ao revelar esses juízos, nos artigos, ele mostra o quanto já estava comprometido com visões parciais e redutoras, que não foram explicitadas no livro.

Se Heráclito vai além do realismo ingênuo, reconhecendo polaridades e relações, Parmênides não só na "Dóxa", mas mesmo no caminho da "Verdade" traduziria a suposta NMT ("Naïve Metaphysics of Things"), onde às "coisas", pensadas individualmente, são atribuídos "nomes" isolados, por oposição ao pensamento de relações e com "textura proposicional", que não é outra coisa que a filosofia dos diálogos platônicos e da lógica aristotélica, considerados como "altamente sofisticados". Veja-se por exemplo, uma passagem significativa: "Afinal de contas, quem estava certo sobre tudo isso, era o Platão maduro, depois de ter desenvolvido a doutrina da comunhão e da mistura das formas, não Parmênides, especialmente com relação ao significado de "não é F" (p.328).

Vale observar que, nos anos seguintes, avaliações do período pré-socrático foram feitas com mais sutileza e profundidade, por exemplo, por Marcel Detienne, em *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica* (1981), onde o autor se propõe uma "pré-história" da noção grega de "verdade", sem se fundar numa "ficção" wittgensteiniana, mas analisando textos da literatura grega propriamente dita. Com relação a esse ponto preciso, a perspectiva de Mourelatos acaba por aproximar-se da de um Havelock, por exemplo, que, em seu *Prefácio a Platão* (1963), apesar da grande erudição literária, não consegue evitar juízos de valor tão depreciativos quanto inúteis para a compreensão dos primeiros filósofos gregos.

Dando provas de sua inegável erudição filológica e filosófica, Mourelatos discute com Heidegger, Reindhardt, Burnet, Cherniss, Cornford, etc. A repercussão de sua obra fica evidente também no modo como é citado em textos de autores posteriores. Nos *Etudes sur Parménide* (1997), obra coletiva organizado por Pierre Aubenque, Mourelatos é citado por diversos autores, com certo reconhecimento consensual da competência de sua análise lingüística, mas nem sempre do mesmo modo, no que tange às suas interpretações ou às conseqüências filosóficas que extrai. Couloubaritsis, por exemplo, retoma o paralelismo entre verdade e *dóxa*; O'Brien discute detalhes da análise lingüística. Cassin, por sua vez, retoma o paralelismo com a poesia épica, particularmente com a Odisséia, para construir uma interpretação própria e original. Dixsaut menciona os nexos por ele propostos com poesia épica e, ainda, aceita como O'Brien a sugestão do termo "poesia especulativa" para se referir à linguagem do poema de Parmênides.

Na seqüência, temos os textos sobre a *Determinação e indeterminação, ser e não ser nos fragmentos de Parmênides*, que é a reimpressão do artigo de 1976 e *Algumas alternativas na interpretação de Parmênides*, que é a reimpressão do artigo de 1979. A parte III, denominada *O âmbito da nomeação: Gregory Vlastos (1907-1991) sobre B8.38 e outros assuntos*, é uma homenagem ao grande estudioso norte-americano, com a publicação do artigo inédito "*Nomes do ser em Parmênides*".

Uma restrição que permanece, com relação ao livro, de um modo geral, está ligada à impressão de que, ao sobrepor tão rigidamente a estrutura lógico-gramatical da língua aos versos de Parmênides, sua análise tende a ser redutora, mesmo que instrutiva; o excesso de formalização impede, por um lado, que contrastemos aquilo que o poema tem de arcaico com os nossos tão arraigados hábitos mentais gramaticais, e, por outro, impede ainda que sejamos surpreendidos pelo que o filósofo-poeta eleata representa como inovação para a recepção do séc. V a.C. Fica patente a falta de uma visão minimamente estrutural da história da cultura grega antiga, na qual os textos conversassem entre si, para além da presença ou ausência de marcadores formais, ou seja, em termos históricos e filosóficos fortes, e não só com relação aos usos lógico-instrumentais. Mesmo quando o autor fala do reconhecimento da imensa dívida que Parmênides teve para com a tradição mito-poética, na sua análise do esquema dos caminhos em geral, a equivalência que é feita entre caminho e enunciado lógico é rápida demais; isso faz com que suas abordagens, na verdade, tendam a minimizar a inserção do poema filosófico na cultura ou o significado efetivo da dimensão mítica do texto. A seguinte passagem mostra o modo curioso como Mourelatos pensa a inserção de Parmênides na história da cultura e da filosofia gregas: "Tudo isso sugere que Parmênides não era inconsciente do papel que sua filosofia poderia ter (e de fato teve) na história. Se ele sentiu que estava pondo o pensamento humano na rota (caminho) para a metafísica crítica, e se ele sentiu que estava primariamente fixando e delimitando o conceito de realidade, esse pressentimento foi completamente confirmado pelos desenvolvimentos subseqüentes" (p.135).

Finalmente, a leitura dos textos de Mourelatos, em suas sucessivas edições, mostra o quanto um autor pode manter-se solidamente consistente ao longo de um mesmo caminho de pesquisa.

*Marcelo Marques (UFMG)*